Roberto Pontual,

jornalista cultural na encruzilhada latino-americanista

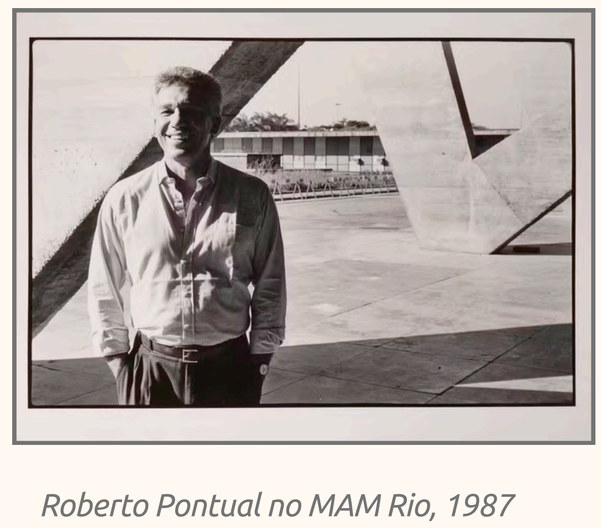
Fabiana Serviddio - Universidad Nacional de Tres de Febrero | CONICET

Os intercâmbios de exposições artísticas podem ser considerados poderosos instrumentos de propaganda cultural e pertencem a um conjunto de estratégias não coercitivas de atração cultural implementadas, naquela época, pelas potências imperiais para influenciar a região latino-americana. Os estudos de caso mostram que, nesses empreendimentos, foi atribuído um papel fundamental ao estabelecimento de relações pessoais com intelectuais influentes das cenas locais, como meio para alcançar os benefícios pretendidos. Eram eles que poderiam se constituir em potenciais propagadores dos valores estéticos, culturais e políticos que se pretendia difundir.

Durante a década de 1970, continuaram em atividade algumas instituições que impulsionavam esse tipo de iniciativa, embora coexistissem com uma multiplicidade de reações críticas por parte do ambiente artístico e intelectual, tanto no continente americano quanto na Europa. A crise desse tipo de mecanismo de influência devia-se a alguns episódios que haviam revelado vínculos entre a promoção de intercâmbios artístico-culturais e as motivações geopolíticas por trás deles; à eclosão de diversos regimes cívico-militares na América Latina, com o apoio mais ou menos encoberto dos Estados Unidos; à radicalização da intelectualidade latino-americana em direção à esquerda; e à consequente crescente desconfiança diante de todo tipo de evento cultural que pudesse significar a presença estrangeira na região.

Dentro dessa reconfiguração geopolítica das relações interamericanas, foi fundamental a atuação da intelectualidade de esquerda brasileira. A extrema volatilidade e independência de critério desse tipo de atores culturais constituiu um forte elemento desestabilizador para o delicado mecanismo de *soft power* que, desde a Segunda Guerra Mundial, havia pretendido manipular vontades por meio da organização e circulação de exposições artísticas e do financiamento de viagens de críticos e artistas.

É interessante investigar o protagonismo que teve, nesse cenário de meados dos anos setenta, a atuação do jornalista cultural, artista e escritor, Roberto Pontual, curador do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro e crítico de arte do *Jornal do Brasil*. Pontual havia recebido, no início da década, várias bolsas de intercâmbio de agências governamentais norte-americanas para viajar aos Estados Unidos, informar sobre eventos artístico-culturais e sobre os espaços expositivos do país, suas programações e as últimas tendências artísticas. Suas impressões positivas, difundidas por meio de um programa de conferências no Museu e de artigos no *Jornal do Brasil*, haviam lhe valido, de acordo com as pesquisas de Daria Jaremtchuk, a identificação de influente propagador dos bons vínculos entre Brasil e Estados Unidos e de uma visão favorável à cultura artística deste último.



Roberto Pontual no MAM Rio, 1987
Foto: Divulgação/Pedro Karp Vasquez

No entanto, a preocupação com a ingerência do mercado de arte nas cenas artísticas, tanto locais quanto do restante do mundo ocidental, começou a moderar seu entusiasmo já por volta de 1975. Essa desconfiança em relação ao rumo que certas instituições estavam tomando e ao tipo de expressões artísticas que promoviam foi interpretada como parte de uma nova ofensiva colonialista no Brasil e na região latino-americana, que, sob um novo disfarce, favorecia as produções estéticas comercializáveis, consumíveis e politicamente inócuas, enquanto descartava ou desconhecia as propostas críticas de caráter conceitual. Juntamente com as intervenções de Aracy Amaral e de Frederico Morais, os artigos e a curadoria de Roberto Pontual constituíram uma parte importante da ácida reação crítica gerada pela intelectualidade de esquerda brasileira diante do fenômeno de expansão dos debates e das exposições de arte latino-americana.
Esse fenômeno foi progressivamente colocado sob suspeita e conceituado como um novo produto do mercado, que não fazia mais do que favorecer determinadas propostas artísticas comercializáveis e silenciar as proposições críticas antissistema.



Fabiana Serviddio
Universidad Nacional de Tres de Febrero | CONICET

Roberto Pontual,

jornalista cultural na encruzilhada latino-americanista

Fabiana Serviddio - Universidad Nacional de Tres de Febrero | CONICET

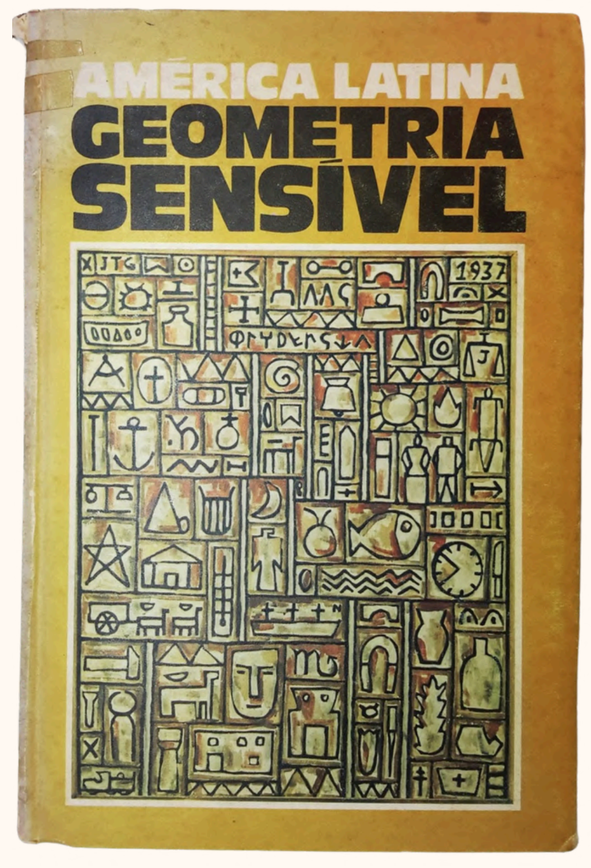
A questão da autenticidade do latino-americano na arte havia efetivamente se transformado em um tópico de discussão da época. Ela funcionou como disparador das comunicações apresentadas por críticos, artistas e escritores no Simpósio sobre arte e literatura latino-americana organizado conjuntamente por uma universidade norte-americana, a Universidade de Austin (Texas), e pela revista mexicana *Plural*, em 1975, onde acabou sendo questionado por muitos como um fenômeno fundamentalmente exógeno à região, imposto pela Europa e pelos Estados Unidos, um fenômeno que respondia a uma necessidade mercadológica. A exposição paralela *12 Latin American Artists Today* colocou o grupo organizador em confronto com os demais participantes — tanto artistas quanto críticos —, que consideraram que a ausência das manifestações estéticas mais contemporâneas e contestatárias buscava evitar as disputas ideológicas que atravessavam a região.

Os artigos escritos por Pontual entre 1975 e 1978 interpretaram aqueles debates em conjunto com suas preocupações com a crise do sistema da arte em escala mundial, o impacto das grandes exposições internacionais e das bienais, as tendências das galerias de apresentar arte convencional e a inadequação dos espaços expositivos para exibir poéticas verdadeiramente relevantes na contemporaneidade.

No artigo “Em torno do sistema da arte”, publicado em novembro de 1975 no *Jornal do Brasil*, Pontual considerava que o mais interessante das propostas artísticas surgidas durante o ano era o fato que, direta ou indiretamente, se tratava de questionamentos ao sistema no qual se inseria a atividade criadora: o papel do artista, os circuitos pelos quais a obra transita, os vínculos entre produção e consumo, a *evidência sufocante dos mecanismos do mercado*, com trabalhos refratários ao circuito comercial das galerias, embora com um retorno aos espaços fechados, modificando-os para sua adaptação, em uma nova sujeição, mas desta vez tática.

Em “Sistema de arte em questão. O que fazer?”, publicado na *Arte Hoje* em fevereiro de 1978, Pontual selecionou dez intervenções críticas apresentadas no seminário “Política e Processos de Amostragem de Arte”, realizado em Campinas em 1977, paralelamente ao XI Salão de Arte Contemporânea, que sintetizavam as principais questões debatidas em torno da crise do sistema mundial da arte, como o questionamento da imposição regional da “arte moderna”, a exclusão da arte popular ou as bienais como espaços de colonização cultural. A passagem do sensível ao ideológico e a interpretação da arte em sua situação social atravessaram todas as apresentações. A de Pontual apontava para o modo como as exposições coletivas periódicas *prestavam vassalagem* aos mecanismos do mercado de arte, ao seguir sua estrutura competitiva e sua intensa dinâmica de circulação de objetos, o que representava a vitória da ideologia do mercado.

Em meados de 1978, e já com todas as antecipações existentes na imprensa brasileira a respeito da iminente Primeira Bienal Latino-Americana de São Paulo, Pontual assumiu a curadoria de uma grande exposição de arte latino-americana: *América Latina: Geometria Sensível*, inaugurada em 8 de junho no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Essa exposição foi organizada com atenção às propostas artísticas, buscando demonstrar que uma das linhas fundamentais da arte latino-americana se constituía em uma declinação particular da abstração, na qual a presença da sensibilidade era fundamental. Toda a abordagem curatorial foi justificada por seu curador no ensaio de apresentação do catálogo, em manifesta tensão e concorrência tanto com eventos recentes, como o já mencionado Simpósio de Austin – ao qual se acusava sub-repticiamente de ser produto das manipulações do mercado e das multinacionais –, quanto com a Primeira Bienal Latino-Americana de São Paulo:



Capa do Catálogo América Latina: Geometria Sensível
Exposição organizada por Roberto Pontual no MAM Rio, 1978



Fabiana Serviddio
Universidad Nacional de Tres de Febrero | CONICET

Roberto Pontual,

jornalista cultural na encruzilhada latino-americanista

Fabiana Serviddio - Universidad Nacional de Tres de Febrero | CONICET

Dentro e fora de nosso continente, cresce a olhos vistos o interesse em torno da arte produzida por artistas da e/ou na América Latina. Fenômeno ainda não avaliado a fundo em todas as suas motivações e implicações, inclusive as extra-estéticas, a verdade é que especialmente de 1975 para cá se acumulam as provas da aceleração da tendência. […]

Mas este *zelo latino-americanista* parece já vir provocando as primeiras preocupações com as forças que o movem e com o destino que o espera. É que, num sistema em que o consumo de massa atua como regra-de-ouro e a renovação compulsiva da mercadoria a exaltar é seu fundamental corolário, o momentâneo estado de graça da arte dita latino-americana pode em grande parte resultar de uma hábil manipulação multinacional, expediente para abrir e explorar novos mercados. Daí a necessidade de encarar e assumir cautelosamente os esforços de busca de uma identidade nossa, de um caráter específico da América Latina. Bem lembrava o crítico e ensaísta uruguaio Emir Rodríguez Monegal, em Austin: 'Se nos preocupamos tanto em saber se somos ou não latino-americanos, já estamos colocando mal a questão. [...] E uma das características do latino-americano é perguntar-se o que é um latino-americano. Por quê? Porque nos impuseram de fora essa busca de identidade'.

Pontual apresentava sua exposição como um evento que se propunha a realizar um estudo minucioso da vertente da arte construtiva tão frequentemente presente na obra dos artistas da região e a separava e diferenciava explicitamente de outro latino-americanismo em voga que, para ele, assim como para seu colega Frederico Morais, era uma nova expressão da ação colonialista do mercado e do avanço cultural imperialista no país. "Nem por isto, no entanto — sustentava ele —o evento se considera na linha do desvelo latino-americanista. Porque propõe um tema, trata de exemplificá-lo, indaga sobre os seus fundamentos e o entrega aos olhos e à raciocínio de todos. Sem veleidade de proselitismo."

Uma vez inaugurada a Bienal Latino-Americana, choveram críticas por parte da imprensa especializada brasileira, apontando fundamentalmente para o tema selecionado – mitos e magia – que se prestava a uma visão fantástica e não comprometida da arte da região. Em "Mitos impostos, mitos depostos", no *Jornal do Brasil*, Roberto Pontual a criticou por considerar que não havia conseguido demonstrar a tese a que se propunha. Outro artigo crítico sobre a bienal foi publicado em meados de 1979, com o título "The First Latin American Bienal of São Paulo. Scattered Myths, Shattered Magic", na *Review*, do Center for Inter American Relations, instituição fundada em Nova York em 1966 que havia sido criada, ironicamente, para instrumentalizar projetos de intercâmbio cultural e político destinados a melhorar as relações com os países latino-americanos e abordar as crises institucionais da região, em pleno recrudescimento da Guerra Fria.

As intervenções tanto curatoriais quanto escritas de Roberto Pontual favoreceram o surgimento de novas leituras do latino-americano na arte. Se, no final dos anos sessenta, havia prevalecido uma interpretação de profunda ressonância anti-imperialista, em 1978 consolidou-se um novo sentido para aquela febre latino-americanista: o novo disfarce das manipulações colonialistas e mercadológicas no Brasil e no restante da América do Sul.



Fabiana Serviddio
Universidad Nacional de Tres de Febrero | CONICET